



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

LAÍS GABRIELE BRANCALHÃO DE SOUZA

Cinema e Publicidade: uma Possibilidade de Análise da Adaptação
da Obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, de J. K. Rowling

Assis

2011

LAÍS GABRIELE BRANCALHÃO DE SOUZA

Cinema e Publicidade: uma Possibilidade de Análise da Adaptação
da Obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, de J. K. Rowling

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de aprovação no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA.

Orientanda: Laís Gabriele Brancalhão de Souza

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira.

Assis

2011

Dedicatória

Aos meus pais que, de um jeito diferente, conseguiram me trazer até aqui.

À minha irmã que, por falar demais, obrigou-me a sair de casa para escrever e, assim, me fez ver melhor algumas coisas.

Ao admirado e querido Renan, por sua incansável paciência com minhas dores de cabeça sem fim.

E ao meu saudoso avô que, certamente, adoraria este trabalho, caso tivesse a oportunidade de vê-lo.

Agradecimentos

Agradeço infinitamente às pessoas que me deram a oportunidade de colocar este trabalho em prática. A elas registro meu agradecimento pelo apoio, dedicação e crítica.

Muito obrigada à professora Alcioni pelas caronas que ajudavam a desanuviar os pensamentos, aos meus amigos, pelos momentos de descontração, que ajudaram a esquecer das dificuldades.

Um grande agradecimento a minha família pela base que a mim foi dada e pelas calorosas discussões.

E, por fim, um agradecimento muito mais que especial à professora Eliane Galvão, que orientou majestosamente este projeto desde seu começo há quase dois anos. Sem sua incansável persistência e colaboração este projeto jamais sairia do papel.

Para a criança, não se trata de fantasia: o medo de ser abandonado, o lobo mau, a escuridão do armário, tudo é real. O rótulo que colocamos é falso.

Liv Ullman

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo refletir acerca do fenômeno de mercado denominado Harry Potter. A partir desta reflexão, pretende-se apresentar uma análise do processo de adaptação para o cinema do quinto volume da série, denominado *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, da escritora britânica J. K. Rowling. Durante a análise, buscamos verificar se a narrativa, uma vez transposta para o cinema, perdeu seu conteúdo artístico, social e cultural, ou na versão adaptada resultou em um produto bem elaborado. Mais especificamente, buscamos descrever o processo de transposição da obra para o cinema, com o filme lançado em 2007, e analisar o alcance mercadológico desse produto cultural.

Palavras-chave: mercado, literatura, adaptação, cinema, infantojuvenil.

Abstract

This work aims to reflect on the market phenomenon known as Harry Potter. From this reflection, we intend to present an analysis of the process of film adaptation of the fifth volume in the series, called Harry Potter and the Order of the Phoenix, the British author J. K. Rowling. During the analysis, we seek to verify the story, as adapted to the cinema, has lost its artistic, cultural, social and cultural, or adapted version resulted in a well prepared. More specifically, we seek to describe the process of implementation of the work for the cinema, the film released in 2007, and analyze the scope of this cultural product marketing.

Keywords: mercado, literatura, adaptação, cinema, infantojuvenil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1 – As origens da literatura destinada à criança e ao jovem

1. A LEITURA	13
2. Literatura infantil.....	13
3. J. K. Rowling e a série <i>Harry Potter</i>	16
4. J. K. Rowling	16
5. A série chega ao Brasil.....	20

CAPÍTULO 2 – Harry Potter e a Ordem da Fênix

1. Harry Potter e seu contexto.....	24
2. Homologia entre os elementos da narrativa e do filme.....	25
2.1 O narrador e a câmara.....	25
2.2 O espaço ficcional e o espaço cênico.....	25
2.3 As personagens.....	26
2.4 O tempo.....	27
2.5 A focalização e a câmera	28
2.6 O enredo ficcional e o fílmico.....	28

CAPÍTULO 3 – O cinema em tela: análise da adaptação do quinto volume

1. A adaptação.....	31
1.1 Ficha técnica do filme.....	31
2 Adaptação em cena.....	32
2.1 Análise dos fotogramas.....	33
2.2 Primeiro ato.....	33
2.2.1 Segundo ato.....	35
2.2.2 Terceiro ato.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo refletir acerca da relação que se efetiva entre cinema e publicidade. Para tanto, pretende-se apresentar uma análise do processo de adaptação para o cinema da obra literária *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, da escritora britânica J. K. Rowling, considerando que a série da escritora tornou-se um fenômeno de mercado. Durante a análise, buscamos verificar se a narrativa, uma vez transposta para o cinema, perdeu seu conteúdo artístico, social e cultural, ou na versão adaptada resultou em um produto bem elaborado. Mais especificamente, buscamos descrever o processo de transposição da obra para o cinema, com o filme lançado em 2007, e analisar o alcance mercadológico desse produto cultural.

As relações entre literatura e cinema são múltiplas e complexas, caracterizadas por uma forte intertextualidade. Inumeráveis filmes contêm dialogicamente alusões ou referências literárias, sendo elas breves ou extensas, implícitas ou explícitas. Vale lembrar o inegável impacto que o cinema tem sobre a literatura, em termos conceituais, estilísticos ou temáticos. A adaptação é proveniente de técnica cinematográfica, podendo uma adaptação fazer contraposição à obra quando a literatura sente-se traída ao ser transposta para o cinema.

Atualmente, existem adaptações com excelente qualidade, contudo toda obra ficcional, quando adaptada, torna-se diferente da sua versão fílmica. Assim, segundo Xavier, uma abordagem analítica de uma adaptação cinematográfica deve partir do pressuposto de que o livro e o filme nele baseado são “[...] dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura” (XAVIER, 2003, p.61).

Como os recursos provenientes dos meios audiovisuais criam uma

espécie de encantamento para os olhos do espectador, principalmente porque se utiliza de efeitos especiais para criar ambientes possíveis somente no domínio da imaginação, este se envolve com a trama à qual assiste. Justifica-se, então, que alguns livros tornam-se fenômeno de vendas após uma excelente adaptação para o cinema.

A questão da adaptação literária pode ser discutida em muitas dimensões, mas o debate tende a se concentrar no problema da interpretação feita pelo cineasta em sua transposição do livro. Os filmes sob análise costumam ser julgados criticamente porque, de um modo ou de outro, não são fiéis à obra modelo, sendo este um falso problema, uma vez que há a existência de um diálogo entre as duas obras.

Neste trabalho, construímos a hipótese de que um livro, que resgata aspectos da história e também aspectos cotidianos, mesmo tendo utilizado recursos de marketing e de planejamento de mídia, precisa apresentar elementos na história que consigam entrar na visualidade do leitor, tais como a riqueza de detalhes, a interação e a comunicabilidade, propiciando a interação e a participação do leitor. Por sua vez, um filme precisa manter a mesma qualidade em sua produção.

Ainda que, nem sempre, o mercado produza subprodutos, apresentando livros e filmes originais e cativantes, estes, às vezes, acabam por despertar o interesse do espectador e, assim, impulsionam a venda do livro a que se referem.

Em um universo voltado para mídias alternativas, o livro está longe de ser o objeto escolhido e preferido pelos consumidores. Neste texto, partimos do pressuposto de que o filme em estudo, embora contenha elementos atraentes ao público, não transmite ao público os elementos indispensáveis à história e deixa que sua sequência se perca entre os filmes anteriores e posteriores a este, já que *Harry Potter e a Ordem da Fênix* é o quinto volume de uma série de sete livros.

Com o auxílio de suportes teóricos, objetiva-se observar se a adaptação interpretou aspectos da narrativa, adequando-se à linguagem do cinema, levando em consideração a atualização ou simplesmente gerou um produto vazio de sentidos, pois desvinculado de uma sequência lógica.

A escolha por analisar a obra *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, no

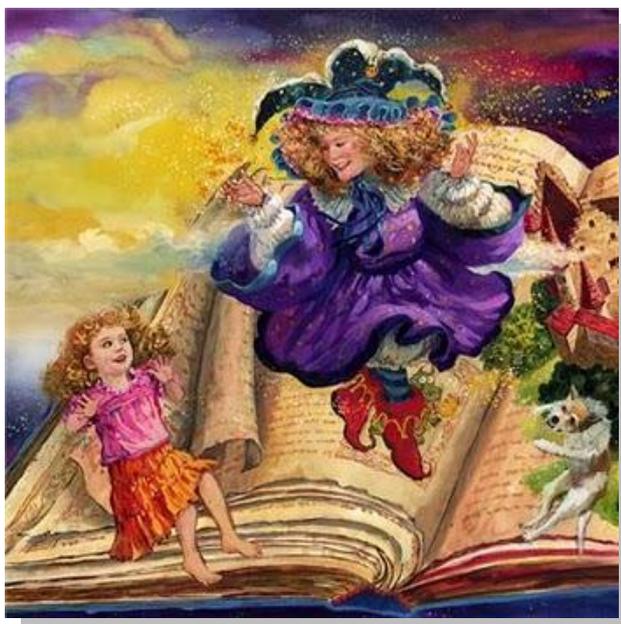
contexto literário e no cinematográfico, justifica-se por ser a obra um romance popular e que aborda implícita e explicitamente questões contemporâneas que interessam aos jovens.

Para a consecução da proposta, nossa análise desenvolve-se em dois momentos, no primeiro refere-se à obra literária *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, da escritora britânica J. K. Rowling, no segundo, à adaptação da obra pelo diretor David Yates.

Para a consecução de seus objetivos, este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, apresentamos as origens da literatura infantil e juvenil, e realizamos um resgate histórico da produção de J. K. Rowling, apresentando sua biografia e situando suas obras no mercado. No segundo, analisamos o livro da escritora. E, no terceiro, refletimos acerca da adaptação para o cinema.

Todos os capítulos se completam e constituem um todo que culmina na conclusão. As referências bibliográficas dispostas ao final do trabalho evitam a recorrência contínua às notas de rodapé.

As origens da literatura destinada à criança e ao jovem



Fonte: Google imagens, 2011.

1. A LEITURA

Refletir sobre a formação do gosto pela leitura, também significa tratar de mercado. Embora inúmeras pesquisas indiquem que crianças apresentadas aos livros desde a primeira infância tornam-se adultos melhores, sabemos que também o mercado cria desejos e, por meio da mídia televisiva e do cinema, atinge as crianças, levando seus pais ao consumo.

A leitura é um hábito saudável que permite à criança desenvolver melhor suas capacidades intelectuais e compreender melhor muitas coisas. A visão mais ampla de mundo, natural de quem lê, aumenta o senso crítico. Entretanto, no mundo contemporâneo, a leitura muitas vezes limita-se à escolha de livros entre os dez mais vendidos, dispostos em listas de jornais e revistas conceituados, como *A Folha*, *O Estadão*, a revista *Veja*, entre outros.

De acordo com o dicionário *Aurélio*, a leitura ou “S.F. 1. ato ou efeito de ler. 2. Arte ou hábito de ler. 3. aquilo que se lê. 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério.” (AURÉLIO, 1988, p.390). Certamente, ler amplia os horizontes de expectativa do ser humano, mas será que a leitura de obras filiadas ao modismo pode fazer isto?

A série Harry Potter é, sem dúvida, um fenômeno de mercado, contudo, vale refletir se ela possui ou não elementos capazes de romper com os conceitos prévios de seus leitores, sobretudo, faz-se necessário analisar sua adaptação fílmica, o que justifica este trabalho.

2. Literatura infantil

A literatura infantil, embora, hoje, retenha uma fatia significativa do mercado literário, surgiu apenas durante a segunda metade do século XVII, na França, como gênero, apresentando assim características próprias, advindas de sua origem das famílias burguesas em ascensão.

Contudo, escrever para crianças não é algo fácil. Crianças buscam aventuras e também uma linguagem com a qual se identifiquem. Escritores que conseguem esse feito ficam eternizados na mente de qualquer criança, que,

sem dúvida, leva as influências da literatura para a vida adulta. Este certamente é o caso de Charles Perrault, conhecido por suas memoráveis histórias da *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*. Assim como os irmãos Grimm (*João e Maria*, *Rapunzel*) e C. Andersen (*Patinho Feio*).

No Brasil do século XIX a maioria dos livros vinha de Portugal. A produção brasileira surge quando o jornalista Figueiredo Pimentel começa a escrever livros infantis para a Livraria Quaresma. Entre esses, obtém relevo *Contos da carochinha*, de 1894, a que se sucede a série: *Histórias da avozinha*, *Histórias da baratinha*, *Os meus brinquedos*, *Teatrinho infantil* e *Álbum das crianças*. Pimentel também se encarrega das traduções e adaptações dos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen. A série de Pimentel, após o falecimento de Quaresma, é reeditada, em 1967, pela editora de livros de bolso Edições de Ouro (HALLEWELL, 1985, p.201). Anteriormente a Pimentel, Júlia Lopes de Almeida publica *Contos infantis*, em 1886, entretanto o faz em Lisboa, Portugal, e não no Brasil (BORELLI, 1996, p.91).

Em 1909, a Livraria Universal, de Laemmert, fechou suas portas, negociando, em 1910, seus direitos de publicação com a Francisco Alves que se insere no mercado dos didáticos. Faz-se necessário destacar que a produção editorial debatia-se com problemas relacionados à dificuldade de obtenção de: informações técnicas relativas à impressão; à mão-de-obra, por causa dos baixos salários; regularidade no fornecimento de tinta e papel. Além desses fatores, os impostos de importação destes materiais eram elevados. No final do século XIX, começa a funcionar a primeira fábrica de papel de São Paulo, pertencente à Companhia Melhoramentos, que, em 1921, começou a se especializar em produção de papel para impressão, utilizando madeira brasileira.

Em 1915, a Weizflog, atualmente Melhoramentos, lança a coleção *Biblioteca infantil*, com seu primeiro livro, *O patinho feio*. Essa coleção vai permanecer até 1958 e edita 100 títulos, entre os mais significativos no contexto da literatura infantil (BORELLI, 1996, p.91).

Até 1917, a produção editorial depara-se com a dificuldade de distribuição, mas Lobato incrementa o ramo editorial, aumentando, com a *Revista do Brasil*, o número de vendas de livros no país, por meio de estratégias inusitadas (ZAPPONE, 2006, p.248).

Em 1918, há mudanças na cultura e na arte, graças ao aperfeiçoamento dos produtos intelectuais: rádio, cinema, tecnologia nas comunicações, investimentos na área editorial. Entretanto, contradições perpassam o regime e também a cultura, assim, a literatura infantil permanece atrelada aos interesses do Estado e às instituições que o servem. Com o sucesso de Tales de Andrade e Lobato, as editoras começam a prestigiar o gênero, motivando seu aumento ao longo dos anos 1920 e 1930 e favorecendo a adesão progressiva de alguns escritores da geração modernista. Esse prestígio surge da constatação de que a literatura infantil é um negócio rentável, pois confere ganho de capital.

Conforme Lajolo e Zilberman (1988, p.46), as obras de Lobato figuram praticamente sozinhas no cenário nacional da década de 1920. Suas primeiras edições destinadas às crianças são muito bem aceitas. “*A menina do Narizinho Arrebitado*” inaugura a fase literária da produção brasileira destinada às crianças, conforme Laura Sandroni (1987, p.47).

Nos anos 1930, dá-se início ao período fértil da ficção brasileira. Esse período foi dominado pelas chamadas obras de imediatismo, devido à total consonância com a nova política educativa do mesmo período.

Em 1942, com o ingresso do Brasil na segunda guerra, as relações com os Estados Unidos se estreitam. Com a vinda do capitalismo e seus diversos meios de consumo, temos acesso a meios de cultura e comunicação de massa, entre elas, a tradução de novelas americanas voltadas ao público infanto-juvenil, lançadas pela Editora Nacional.

Em 1950, segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p.249), instala-se “a crise da leitura”, atingindo todas as faixas etárias de consumo. Isso se deve a expansão dos meios de comunicação de massa, que devido a seu crescimento deram início à Era da Televisão. Ainda nessa década, a aventura passada em cenários exóticos e distantes, a ficção científica, o crime e a investigação policial tomam conta de boa parte das obras literárias. Contudo, a narrativa nacional tem certa dificuldade em obter espaço entre as traduções de obras estrangeiras. Em 1956, tem início a política desenvolvimentista, com a eleição de Juscelino Kubitschek de Oliveira que busca uma arte engajada no resgate de uma linguagem literária mais acessível.

A tendência contestadora própria da tradição lobatiana é resgatada na produção literária infantil e juvenil no final da década de 1960 e início da de

1970, e aos poucos são incorporadas críticas à sociedade e às injustiças sociais na literatura infantil e juvenil. No final da década de 1970 e início da de 1980 surgem mais obras tratando de temas polêmicos para a época.

3. J. K. Rowling e a série *Harry Potter*

Apesar de ter um início conturbado, a literatura infantil e juvenil abrange, hoje, várias vertentes. Este gênero é um seleiro de obras provenientes dos mais diversos campos: literário e mercadológico. Escrever para jovens é um desafio para o autor, pois não é fácil agradar a um público que, apesar de não ser mais criança, também não é adulto. Essa tarefa exige astúcia e um grande conhecimento do universo juvenil. Esse tipo de leitor busca aventura, romance, mas de uma forma diferente, uma forma que o faça se encontrar na história.

Na grande maioria dos livros infanto-juvenis, a história se passa em escolas ou tem como pano de fundo o ambiente escolar, também seus heróis e vilões são colocados em situações semelhantes às vividas por seus leitores ou, então, que eles gostariam de viver.

Dos autores contemporâneos, a que mais soube transpor esse universo para suas páginas foi J. K. Rowling, autora da série Harry Potter.

4. J. K. Rowling

Nascida em 31 de julho de 1965, na pequena cidade de Yates, na área rural da Inglaterra, Joanne Rowling desde pequena demonstrava claramente sua veia literária. Sempre incentivada pela mãe, Anne Rowling, Joanne desde criança gostava de ouvir e muito mais de contar histórias. Quem conviveu com ela na infância não esquece que era sempre Joanne quem comandava, ou melhor, inventava a maioria dos jogos e brincadeiras. Seu passatempo predileto era inventar histórias que envolviam bruxas e magos para usá-las posteriormente em alguns dos jogos que também eram de sua autoria e os quais ela adorava brincar com seu vizinho de sobrenome Potter (SMITH, 2003).

Ainda criança, Rowling escreveu seu primeiro livro. Um livreto de poucas páginas intitulado *O coelho* que, como o próprio nome sugere, contava a história de um coelho de nome *Coelho*. Aluna aplicada e um tanto reclusa, Joanne teve

uma infância tranquila e sem grandes acontecimentos, porém na adolescência abandonou seu lado mais estudioso e tornou-se uma menina popular e muito querida pelos colegas.

Aos dezoito anos, Joanne foi aceita na Universidade de Exeter, em Londres. Sua ambição era fazer inglês, mas foi aceita no curso de línguas estrangeiras, optando assim pelo francês. Durante a faculdade, Joanne não foi uma aluna assim tão brilhante, passando sempre por pouquíssimos pontos acima da média exigida. No penúltimo ano do curso de línguas estrangeiras, viajou para a França para se aprimorar e pôr em prática o que já tinha aprendido na universidade. Passou um ano no país e, então, voltou para a Inglaterra para cursar o último ano e se formar em uma cerimônia simples no ano de 1987. Depois de terminar a faculdade, Joanne Rowling passou um bom tempo tentando se encontrar. Não conseguiu bons empregos e os poucos que conseguiu não duraram muito tempo.

A falta de perspectiva na cidade de Londres fez com que Rowling passasse um fim de semana em Manchester à procura de apartamentos, mas não encontrou nada e foi durante a viagem de volta (uma viagem de trem que durava em média quarenta minutos), no início de 1990, que ela teve as primeiras ideias sobre Harry Potter. Sem saber precisar o que desencadeou essas ideias, Joanne apenas afirma que elas “surgiram de repente” (SMITH, 2003).

Harry Potter não se tornou uma devoção imediata na vida de Rowling, porém depois da morte de sua mãe em 30 de dezembro de 1990, após uma luta de dez anos contra a esclerose múltipla, a escritora sentia-se completamente perdida e, então, entrou de cabeça na vida e nas aventuras de Potter e seus amigos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

A Inglaterra já não parecia mais um lugar tão atraente para Joanne que se mudou para a Cidade do Porto, em Portugal, depois de ser selecionada para uma vaga de professora de inglês, da qual soube por um pequeno anúncio de jornal. Foi no Porto que conheceu seu primeiro marido. Casaram-se em 16 de outubro de 1992, porém a relação do casal não foi bem sucedida. Embora nunca tenha falado de seu casamento publicamente, Joanne faz uma pequena citação a ele no livro Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, quando a professora Trelawney diz a Lilá Brown: “Aquela coisa que você receia vai

acontecer na sexta-feira, dezesseis de outubro”.

A primeira filha de J. K. é fruto desse casamento. Enquanto em Portugal, Rowling continuou com suas anotações sobre a série *Harry Potter*. Em 1993, com a separação, Rowling foi viver em Edimburgo, perto de sua irmã, porém a total falta de dinheiro a obrigou a recorrer aos auxílios do governo, com os quais conseguiu sobreviver por um bom tempo até que um antigo amigo – que mais tarde foi homenageado em *Harry Potter e a Câmara Secreta* – lhe emprestou algum dinheiro para que pudesse alugar um apartamento melhor. Foi nesse apartamento mobiliado com móveis emprestados por amigos que Joanne viveu por três anos com sua filha Jessica e pôde, enfim, terminar o manuscrito de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Nessa época, Joanne estava em completo desespero e tudo que sentiu transmitiu para seus personagens, criando assim os Dementadores; seres que sugam a felicidade e a esperança das pessoas, cujas únicas armas são os bons pensamentos e um generoso pedaço de chocolate.

Nove meses depois de sair do Porto, as coisas começaram a melhorar. Joanne conseguiu o divórcio e também um lugar onde pudesse escrever com calma e não precisasse pagar pelo café. Tratava-se de um pequeno restaurante adquirido pelo cunhado em Edimburgo. No final de 1994, Joanne conseguiu um emprego que lhe garantia uma pequena renda além dos benefícios do governo.

Em 1995, finalmente, conseguiu deixar os benefícios de lado, graças à ajuda financeira de um amigo que custeou as despesas com a creche de Jéssica para que Joanne pudesse se tornar uma estudante em tempo integral e, assim, tentar uma vaga de professora na rede pública. Embora se dedicasse quase inteiramente aos estudos, J. K. não esqueceu de *Harry Potter* e enviou alguns capítulos de *A Pedra Filosofal* para uma agência literária de Londres que o recusou prontamente, assim como uma segunda agência a qual Rowling enviou o mesmo conteúdo. Na terceira agência, a qual os capítulos foram enviados, a assistente do presidente da agência leu atentamente as páginas escritas por Rowling e logo depois lhe pediu para enviar o restante do manuscrito. Três cartas depois do envio dos primeiros capítulos, Christopher Little enviou a Joanne um contrato no qual se oferecia para representá-la (eles ficariam com 15% do mercado interno do Reino Unido e 20% sobre o mercado americano e sobre os filmes). Ao assinar aquele contrato ninguém tinha a

mínima ideia de onde Harry Potter chegaria, principalmente, porque no início de 1996 o livro foi recusado por mais de doze editoras, até chegar às mãos da Bloomsbury, que fez uma oferta de R\$7.000,00, embora um de seus executivos mais influentes acreditasse que Joanne jamais ganharia dinheiro com uma obra infantil (POTTERISHI, 2010).

Rowling continuou com seus estudos para se tornar professora e formou-se pouco antes de seu primeiro livro ser publicado. Descobriu que o governo escocês mantinha bolsas de incentivo financeiro para autores iniciantes, assim, candidatou-se e conseguiu uma dessas bolsas, sem ter a mínima idéia de que alguns anos depois receberia, do mesmo conselho que a contemplou, dois prêmios por seus livros.

Em 26 de junho de 1997, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi oficialmente lançado. Algumas semanas depois, quase que por magia, os direitos dos livros foram leiloados nos Estados Unidos por R\$300.000,00. Rowling logo virou notícia devido ao alto preço pago por suas histórias, aumentando infinitamente a notoriedade de Harry Potter. Alguns dias depois, ela entregou os manuscritos de *A Câmara Secreta* para editora. Em seu primeiro ano, Harry Potter vendeu mais de 700.000 exemplares no Reino Unido e esteve durante todo o tempo na lista dos mais vendidos. Com um pouco mais de dinheiro, Rowling resolveu se mudar para um bairro melhor e nunca revelou aos vizinhos que era a autora do livro infantil mais comentado do momento, já que assinava as histórias como J. K. Rowling.

No final de 1999, com uma conta bancária espetacular e quatro livros lançados, J. K. Rowling fechou contrato com a Warner Brothers para a produção dos dois primeiros filmes baseados nas aventuras de Harry Potter. O contrato foi fechado um pouco abaixo do valor esperado já que Joanne exigiu total poder de veto em relação à adaptação e também que o filme fosse totalmente britânico.

Já com uma situação financeira confortável, Rowling dedicou-se à filantropia, publicando dois livros, cujas rendas foram revertidas para associações de caridade. Em 2001, o filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi lançado, superando todas as expectativas de público e faturamento. Também em 2001, Rowling casou-se pela segunda vez.

Hoje, Rowling tem três filhos, é considerada a mulher mais rica do Reino Unido e dona da marca mais lucrativa de todos os tempos, tanto para a

literatura quanto para o cinema.

Acompanhar os processos de produção dessa escritora, permite-nos refletir sobre o percurso de um produto no mercado, tendo em vista que as vendas atingiram marcas surpreendentes e inúmeros contratos de merchandising foram fechados. As bilheterias de seus livros adaptados resultaram em vendas, até então, jamais vistas.

5. A série chega ao Brasil

A série Harry Potter chega ao Brasil, seguindo a esteira da paródia, da revisão do mundo fantástico tradicional dos contos de fadas e da comicidade. Respectivamente: em 2000, as obras *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter e a câmara secreta*, *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*; em 2001, *Harry Potter e o cálice de fogo*; em 2003, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; em 2005, *Harry Potter e o enigma do príncipe*; em 2007, *Harry Potter e as relíquias da morte*, de Joanne Kathleen Rowling¹. Em 2001, foram publicados, concomitantemente na Inglaterra e no Brasil, dois livros metaficcionalizados mencionados na saga como material escolar utilizado pelas personagens no primeiro ano da escola de Hogwarts: *Quadribol através dos séculos* e *Animais fantásticos & onde habitam*². O primeiro assemelha-se a um manual de regras sobre o esporte praticado entre os jovens magos e preferido pelos protagonistas, e o segundo, como um dicionário das feras que habitam o universo mágico das narrativas que compõem a saga. Esses dois livros tiveram estrategicamente suas rendas revertidas ao *Comic Relief*, instituição internacional do Reino Unido que financia projetos assistenciais internacionais, fundada por um grupo de comediantes britânicos em 1985.

No Brasil, as obras de Rowling foram publicadas pela editora Rocco que, quando iniciou sua comercialização, em 2000, não possui bom posicionamento

¹ Essas obras foram publicadas originalmente, na Inglaterra, pela Bloomsbury Publishing Plc., mais especificamente: em 1997, *Harry Potter and the philosopher's stone*; em 1998, *Harry Potter and the chamber of secrets*; em 1999, *Harry Potter and the prisoner of Azkaban*; em 2000, *Harry Potter and the goblet of fire*; em 2003, *Harry Potter and the Order of the Phoenix*; em 2005, *Harry Potter and the half-blood prince*; em 2007, *Harry Potter and the deathly hallows*.

² Com títulos originais de: *Quidditch through the ages* e *Fantastic Beasts & Where to find them*.

no segmento de publicações para o público infantil e juvenil. Essa editora manteve a mesma tradutora para a série Harry Potter: Lia Wyler.

A série Harry Potter busca cativar o leitor por meio do humor, da criatividade e da exploração do imaginário. Voltada para o entretenimento, sua produção em série mantém o leitor fiel ao consumo. Essa fidelidade obteve tanto sucesso que toda série se transformou em fenômeno de mercado.

Assim, a série Harry Potter define-se como uma produção inserida no mercado e destinada ao entretenimento. Isso pode ser visto pela tendência a ocupar os primeiros lugares nas listas de “Os mais vendidos”. No Brasil, em julho de 2000, no caderno Mais! que trouxe uma lista estendida com *Harry Potter e a pedra filosofal* em primeiro lugar na categoria de ficção, seguido pelo nome da autora, da editora, do preço (R\$22,00), e de uma sinopse: “Garoto que vive num armário na casa dos tios é resgatado por uma coruja e levado a uma escola de magia.” (OS MAIS VENDIDOS: Ficção, 2000). Em agosto, no caderno Cultura, *O Estado de São Paulo*, trouxe o primeiro livro da série na lista dos mais vendidos na 2ª semana daquele mês (LIVROS MAIS VENDIDOS: 2ª semana de agosto/2000, 2000, p.D3).

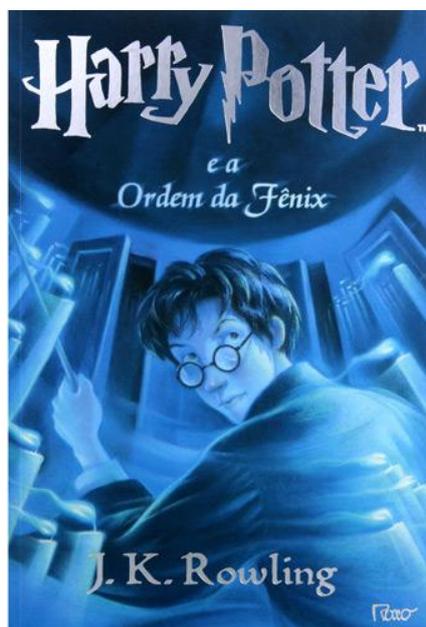
Também a revista *Veja*, em sua lista de “Os mais vendidos” (*vide* <http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>), constituída a partir de dados fornecidos por livrarias com bom posicionamento de mercado, tais como: Siciliano, Sodiler, Saraiva, Cultura, Laselva, Nobel, Livraria da Vila, entre outras, posicionadas em grandes capitais do Brasil, registrou em 26 de abril de 2000, pela primeira vez, a obra *Harry Potter e a pedra filosofal* na primeira posição da categoria ficção. Em maio e junho, esta obra oscila nas listas semanais da revista entre o primeiro e o segundo lugar. Na primeira semana de julho, retoma a primeira posição, na qual permanece até a primeira semana de setembro.

Em 13 de setembro, a obra fica em segundo lugar, cedendo espaço para *Harry Potter e a câmara secreta* que fora lançada em agosto. Essa posição será ocupada pelos dois primeiros livros da série até 11 de outubro. De 18 de outubro até seis de dezembro, os dois livros permanecem na lista, variando suas posições entre primeiro, segundo, terceiro e até quinto lugar (*vide anexo 21.3 – Tabela XVII*). Em 13 de dezembro, *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, que acabara de ser lançado, ocupa o primeiro lugar, sendo seguido

por *Harry Potter e a pedra filosofal*, e *Harry Potter e a câmara secreta* que ocupa o quinto lugar. Em 20 de dezembro, os três livros da série ocupam as três primeiras posições, respectivamente: *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, *Harry Potter e a pedra filosofal*, e *Harry Potter e a câmara secreta*. Fechando o ano de 2000, em 27 de dezembro, a revista não publicou a lista de “Os mais vendidos”, prensou uma edição especial de retrospectiva. Mas em 10 de janeiro de 2001, soltou a lista de “Os mais vendidos em 2000”, constituída por dados fornecidos por editoras (OS MAIS VENDIDOS DE 2000: Comentário, 2001), com *Harry Potter e a pedra filosofal* em primeiro lugar, *Harry Potter e a câmara secreta* em terceiro, e *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* em quarto. A obra *O demônio e a Srta. Pryn*, de Paulo Coelho, ocupou o segundo lugar com venda semelhante ao primeiro livro da série Harry Potter, conforme matéria da revista *Veja*, superior a 200.000 exemplares.

Segundo dados atualizados da revista VEJA (In: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/curiosidades-numericas-da-saga-harry-potter>), acesso em 15 de agosto de 2011) foram vendidos, até o ano de 2011, cerca de três milhões de exemplares da série no Brasil. Mostrando assim, que mesmo com o lançamento dos filmes, os livros não deixaram de ganhar espaço entre os fãs. Ainda, segundo a revista, o Brasil está entre os países onde são vendidos mais livros durante os lançamentos da série de Rowling.

Harry Potter e a Ordem da Fênix



Fonte: Google imagens, 2011.

1. Harry Potter e seu contexto

Embora conhecidas como pertencentes à literatura infantil, as obras de Rowling abordam temas de certa maneira polêmicos. Analisando a fundo suas histórias, percebemos que o universo de Harry Potter baseia-se totalmente em um período pós-guerra e que a grande maioria de seus personagens carrega traços ou traumas deste período. Esses traços e traumas são tão nítidos que alguns personagens sequer mencionam o nome de Lord Voldemort – cujo nome em francês, *vol de mort*, significa vôo da morte, conforme Smadja (2001, p.52) –, o vilão que carrega claramente a marca do período nazista.

Em um mundo cercado por mortes, perseguições e grandes perdas, vive Harry Potter, um menino órfão que teve os pais assassinados quando era ainda um bebê e foi criado por tios egoístas e preconceituosos que esconderam sua origem por dez anos. Quando passa a viver como o bruxo que realmente era, Harry descobre aos poucos o imenso poder de devastação de Voldemort sobre o mundo bruxo. Mesmo inconscientemente, Harry passa a lutar para vingar a morte dos pais e se mostra um menino maduro demais para a sua idade devido a seus antigos traumas.

Desde a morte de Thiago e Lilian Potter – os pais de Harry –, o mundo bruxo narrado nas histórias de Rowling vive sob pressão, apreensivo e esperando que a qualquer momento Voldemort retorne. Como o Lord das trevas – como também é conhecido – perdeu seus poderes e vive abrigado em outros corpos dos quais tira forças para sobreviver e também não deu grandes sinais de vida nos últimos anos, ninguém acredita que, de fato, ele volte, embora temam por isso. Contudo, desde que Harry passou a viver em Hogwarts, Voldemort o persegue e tenta matá-lo, mas ninguém quer acreditar nisso. É no quarto livro de Rowling que a volta de Voldemort vem à tona de uma vez, depois de Cedrico Digory ser assassinado no labirinto do Torneio Tribuxo. Porém como Harry é a única testemunha do ocorrido, o ministério da magia tenta abafar o caso para que a população não entre novamente em pânico.

No quinto livro, vamos encontrar um ambiente mais sombrio e tenso que, com sociedades secretas, tenta combater Voldemort mesmo contra a vontade do ministério. Em torno desse ambiente, toda a trama de *Harry Potter e a*

Ordem da Fênix se desenrola. Levando o leitor a um universo de batalhas e luta por justiça, é também neste universo que compreendemos melhor o que foi narrado nos quatro livros anteriores e formamos uma base sólida para entender os acontecimentos dos dois livros seguintes.

2. Homologia entre os elementos da narrativa e do filme

2.1 O narrador e a câmara

Todos os livros de Rowling apresentam o narrador observador, em terceira pessoa. Trata-se de um narrador tradicional que se posiciona como um contador de histórias. Apesar disso, a escritora faz uso de técnicas modernas de efabulação, pois convoca seu leitor a aproximar-se ainda mais do relato de seu narrador, por meio de expressões afetivas como: “Quando o Sr. e a Sra. Dursley acordaram na terça-feira monótona e cinzenta em que a *nossa* história começa [...]”(ROWLING, 2000, p.8(1)). Pode-se observar pelo emprego do pronome “nossa”, que o narrador estabelece uma relação de intimidade e proximidade, inclusive afetiva, com aquilo que relata. Incluindo-se tanto no universo diegético, da história, quanto entre aqueles que leem o texto.

2.2 O espaço ficcional e o espaço cênico

O mundo que Harry Potter habita não é mágico apenas por se tratar de um universo onde vivem bruxos e bruxas, mas por seu espaço levar o leitor a um mundo fascinante. O início das histórias sempre se concentra em Londres, mais precisamente na casa dos Dursley, os tios de Harry, que vivem em uma vizinhança tipicamente burguesa, cercada de casas bem cuidadas e vizinhos competitivos e invejosos.

Mas é ao atravessar a plataforma 9/5 que o mundo criado por Rowling se revela em sua forma mais plena. Desde a maria-fumaça que leva os alunos à escola até a arquitetura gótica do castelo de Hogwarts, tudo parece irreal. O interior do castelo demonstra luxo e riqueza, porém de uma forma mais

antiquada. Com talheres de metais nobres e ornamentos de pedras preciosas, Rowling tenta destacar o quão melhor é o mundo dos bruxos em relação ao mundo dos Muggles (os não nascidos bruxos).

Cercada por terrenos montanhosos e infinitamente verdes, Hogwarts parece isolada do mundo exterior. Contudo, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* conhecemos um mundo além do castelo: A casa da família Black e o Ministério da Magia.

A casa dos Black é mostrada como a casa de uma família tradicional e muito antiga e que um dia foi muito luxuosa e bem cuidada. A casa dos Black também esconde seus segredos e ajuda o leitor a entender o que houve no passado de alguns personagens que até então não conhecíamos muito bem, a casa também nos apresenta novos personagens, como Monstro, o elfo dos Black e a própria matriarca da família, apresentada na forma de um retrato neurótico.

Já o Ministério da Magia é um local imenso e imponente cercado de mistérios, onde os personagens vivem o clímax de toda a história. O ministério também guarda seus segredos e revelações e leva o leitor ao convívio do dia a dia de alguns personagens que, embora importantes, pouco são citados.

2.3 As personagens

Os personagens criados por J. K. são mágicos, não apenas porque empunham varinhas ou montam vassouras, mas porque são únicos e têm características milimetricamente moldadas pela autora, e carregam muito de sua personalidade ou de conhecidos. Os nomes também são cuidadosamente escolhidos, pois ajudam a mostrar a personalidade de cada um.

Em *A Ordem da Fênix* temos dez personagens que, em suma, contam a história. O trio principal é composto por Harry, Rony e Hermione; também se destacam: Sirius Black, Lorde Voldemort, Dolores Umbridge, Belatrix Lestrange, Lucio Malfoy, Neville Longbotton e monstro.

Nos demais livros da série, esses personagens são de grande importância para o enredo e, sendo assim, são mostrados como tal. Porém na

adaptação da obra para o cinema, alguns desses personagens não ganham a notoriedade necessária para um bom entendimento da história.

Neville, por exemplo, é um personagem tão importante quanto Harry e quase nunca foi citado nos filmes e em *A Ordem da Fênix* quase não se compreende o porquê de seu quase destaque repentino, tampouco porque ele teve que se destacar. Com Lucio Malfoy e Belatrix Lestrange acontece o mesmo, pois eles pouco foram citados nas adaptações anteriores e quando aparecem, os seus papéis estão reduzidos. Pouco se vê do poder de manipulação de Malfoy e da perversidade de Belatrix que só é mostrada durante a morte de Sirius Black.

Monstro, o elfo doméstico, é sem dúvida o personagem de maior importância, entre os que tiveram sua participação reduzida. É ele quem guarda os segredos e sabe tudo o que acontece em quase todos os lugares, seu personagem é tão importante que, segundo o site especializado em cinema <http://www.imdb.com/>, a própria Rowling interferiu para que o personagem não fosse totalmente cortado do roteiro original do filme, pois caso isso acontecesse seria praticamente impossível o entendimento da história.

2.4 O tempo

No livro de J. K. as aventuras de Harry Potter são narradas em tempo cronológico. A história se inicia justamente no momento em que conhecemos nosso herói e prossegue ano a ano. Há, contudo, retomadas que explicam eventos do passado, mas predomina a ordem sequencial nas ações do herói.

Em *A Ordem da Fênix* para o cinema não é diferente, há uma ordem sequencial de ações e o tempo permanece cronológico. Embora haja algumas lembranças de eventos ocorridos em anos anteriores, o centro da trama não se desvia. Por exemplo, quando Harry é atacado por Voldemort no ministério, Harry é tomado por lembranças, essas são ilustradas com cenas de filmes anteriores, porém o foco da cena não se desvia em momento algum do ataque de Voldemort ao menino.

2.5 A focalização e a câmera

A forma como Rowling narra suas histórias nos permite acompanhar os acontecimentos de maneira que sabemos apenas o que acontece sob o olhar atento e curioso de Harry. Narradas em terceira pessoa, as narrativas nos dão uma visão pouco ampla dos acontecimentos. O que Harry vê, nós leitores também vemos e cabe a nós imaginar o que acontece ou está para acontecer fora de seus olhos.

Rowling usa esta técnica para aproximar ainda mais o leitor de seu herói e criar assim uma identificação natural. Esta identificação faz da história um sucesso. Acompanhado pelo fato de que os livros tiveram seu lançamento quase anual e em cada um dos volumes Harry fica de fato um ano mais velho, a narração em terceira pessoa permite que o leitor viva a vida de Harry Potter; que cresça da mesma maneira como o protagonista cresceu.

No filme, o diretor assume a câmara como narrador observador. Todavia, a câmera, com o objetivo de cativar a simpatia do leitor, adere ao olhar de Harry, assim, o espectador vê o que o jovem protagonista vê. Em poucas cenas há antecipação de imagens para o espectador. Prevalece a narração com focalização em terceira pessoa.

2.6 O enredo ficcional e o fílmico

Embora não se mencionem datas exatas, pela leitura dos livros podemos entender que a história de *Harry Potter e a Ordem da Fênix* se passa no ano de 1995. Harry Potter tem então quinze anos e, como qualquer adolescente, vive suas inquietações. Ainda perseguido por Lord Voldemort, Harry busca justiça.

O ressurgimento da “Ordem da Fênix” – uma sociedade secreta que tentava a queda do Lord das Trevas – é o ponto chave da trama; é em torno dessa sociedade que quase tudo acontece. Contudo, Harry e seus amigos são impedidos de participar da Ordem.

De volta a Hogwarts, tudo muda. Com interferências ministeriais, a escola vive em regime ditatorial. A maneira como as coisas estão acontecendo

tanto dentro, quanto fora da escola faz com que Harry, influenciado por seus amigos, lidere sua própria sociedade secreta.

Intitulada “Armada de Dumbledore”, esta sociedade ensina a seus membros tudo o que a escola omite. Mesmo perseguidos pela nova diretora, os alunos conseguem escapar por algum tempo antes de serem descobertos.

Enquanto tudo acontece, Lord Voldemort entra na mente de Harry e o faz acreditar que Sirius Black, padrinho de Harry, foi capturado. O que o Lorde das Trevas busca é atrair o garoto para o departamento de mistérios, do ministério da magia, para que possa resgatar uma antiga profecia e assim saber seu teor. O plano funciona e Harry vai para Londres acompanhado por seus amigos. Já no ministério, Potter descobre os planos de Voldemort e começam as batalhas.

Durante uma dessas batalhas, Sirius Black é assassinado por uma comparsa de Voldemort. Tomado pelo ódio, Harry tenta matá-la, mas não consegue. Então, Voldemort tenta possuir Harry e, finalmente, o garoto prova seu valor, pois luta contra essa possessão e consegue bloquear sua mente dos ataques do vilão.

A história acaba com promessas de um novo tempo para o mundo bruxo, em que possa haver mais justiça. Neste momento, temos um gancho para o próximo livro.

Na adaptação para o cinema, o que vemos não é exatamente isso. Desde o início do filme, percebemos cortes que prejudicam a história. Tudo começa com o ataque dos dementadores a Duda Dursley. Depois desse ataque, é enviada a Harry uma carta simples que fala de sua expulsão da escola, contudo foi retirado desta sequência o lembrol recebido por Petunia Dursley. O objeto daria base para que o espectador pudesse entender – entre outras coisas – o porquê de Harry nunca ter saído da casa dos tios, mesmo depois de descobrir a sua verdadeira origem. O mesmo acontece com a volta da verdadeira Ordem da Fênix, sua origem não foi explicada de maneira clara, tal como as origens da família Black.

Podemos mencionar também a pouca participação do elfo doméstico Monstro, assim como a de Neville Longbotton e Draco Malfoy.

O cinema em tela: análise da adaptação do quinto volume



Fonte: Google imagens

1. A adaptação

Um livro de setecentas páginas dificilmente será fielmente adaptado para um filme de duas horas e quinze minutos. Adaptar requer muito talento por parte de roteiristas e diretores. É necessário ajustar a história às telas, mas sem que ela perca seu teor principal. A adaptação permite ajuste de diálogos, troca ou exclusão de personagens e até mesmo grandes cortes na história.

As fontes do cinema são inesgotáveis. Tudo pode se tornar um filme. Desde uma cena de cotidiano até uma obra literária, tudo pode ser transportado para a tela. O primeiro registro de uma obra literária adaptada para as telas está datado de 1908 e trata do filme *Alice no País das Maravilhas*, adaptado da obra homônima de Carroll (WIKPEDIA – 2010). Contudo, pouco se sabe sobre essa adaptação, apenas que se tratava de uma pequena sequência de oito minutos que conta de forma extremamente resumida a história criada por Lewis Carrol. Desde então, as adaptações evoluíram infinitamente e passaram a se valer de clássicos literários para angariar bilheterias milionárias.

1.1 Ficha técnica do filme

Diretor: David Yates

Elenco: Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson, Helena Bonham Carter, Robbie Coltrane, Ralph Fiennes, Michael Gambon, Brendan Gleeson, Richard Griffiths, Jason Isaacs, Gary Oldman, Alan Rickman, Fiona Shaw, Maggie Smith, Imelda Staunton, David Thewlis, Emma Thompson, Julie Walters, Mark Williams, Robert Pattinson, Jamie Waylett.

Produção: David Heyman

Roteiro: Michael Goldenberg, baseado em romance de J.K. Rowling

Fotografia: Slawomir Idziak

Trilha Sonora: Nicholas Hooper, John Williams

Duração: 138 min.

Ano: 2007

País: Reino Unido/ EUA

Gênero: Aventura

Cor: Colorido

Distribuidora: Warner Bros.

Estúdio: Warner Bros.

Classificação: Livre

Fonte: CINECLICK

2 A adaptação em cena

Para aquilatar a adaptação, observaremos se o diretor conduz com maestria ou não os enquadramentos e a fotografia, apresentando, assim, uma produção equivalente à obra literária ou se o produto adaptado é apenas mais um advindo da indústria cultura, caracterizado pela linguagem e abordagem trivial. Conforme Teixeira (1989, p.27), a produção pertencente à cultura de massa se caracteriza por um “[...] estado avançado de ‘barbárie cultural’ capaz de produzir ou acelerar a degradação do homem”, ou seja, é francamente alienante.

Antonio Candido afirma que:

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. (CANDIDO, 1981, p.34).

Desse modo, justifica-se que, neste trabalho, procuremos observar esse modo de fazer.

Na nossa sociedade contemporânea, o livro não é um objeto preferido pelos consumidores, por isso uma adaptação de uma história para o cinema, às vezes, cumpre um papel social, contendo elementos atraentes para o público-leitor a que se destina.

Segundo Jean Luc Godart (fonte?) “Só se olha para o que se sente, e para o que não se deseja ter como segredo”. Sendo assim, compreendemos, de certa forma, o porquê de alguns cortes. Contudo, respeitar e compreender o olhar do diretor não inocenta a adaptação de falhas. O filme é mostrado pela total visão de seu diretor, contudo na adaptação em debate, podemos dizer que

a visão do diretor ficou um tanto turva. Digamos que ele tenha deixado muitas coisas em segredo.

2.1 Análise de fotogramas

Para a análise do filme, optamos pela sequência em fotogramas. Visando obter uma ordem racional, dividimos o filme em três atos. A seguir, apresentamos cada ato e seus respectivos fotogramas:

2.2 Primeiro ato

Os fotogramas a seguir pertencem ao primeiro ato do filme, em que as personagens, bem como todo cenário são apresentados ao espectador.



00:02:15 – PLANO MÉDIO

Plano geral: Mostrando Harry e seu primo Duda.

Posição da câmera: plano americano, zoom out.

Sonoridade: Risadas dos amigos de Duda.

Cenário: Aberto, dia, rua.

Estrutura narrativa: Tensa.

Vemos Harry Potter ameaçando seu primo Duda com sua varinha. A cena acontece em um playground durante o dia.

No livro, a cena não acontece dessa forma. Potter jamais ameaçaria o primo com a varinha, pois sabe que não pode se expor dessa forma, ainda mais na frente de *Trouxas*. Na cena anterior, e também na seguinte, vemos a presença de amigos de Duda, o que também não aparece no livro.

**00:06:58**

Plano geral: Uma carta enviada pelo Ministério da Magia

Posição da câmera: plano americano, close-up.

Sonoridade: Carta “falando” que Harry foi expulso da escola.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Tensa.

A cena mostra uma carta que Harry recebe após usar magia fora dos terrenos da escola. Esta carta o adverte sobre uma audiência por tal feito. Contudo, no livro além dessa carta, o menino recebe muitas outras: uma carta do Sr. Weasley dizendo para não sair da casa dos tios, outra carta do Ministério revogando a expulsão, mas dizendo que isso será julgado em uma audiência, e uma carta de Sirius reforçando que Harry não deve deixar a casa dos tios de maneira alguma.

Petúnia, tia de Harry, recebe um berrador enviado por Alvo Dumbledore, que a adverte para que mantenha o sobrinho em casa. Esse berrador é de extrema importância para a história, afinal, é a partir dele que começamos a entender o porquê de Harry ter sido mantido na casa dos tios mesmo sofrendo maus tratos.

2.2.1 Segundo ato

Vemos Harry fora da casa dos tios e passamos a conhecer o Largo Grimald nº12, que não havia sido mencionado em outra aventura de Harry.



00:11:46 – PLANO AMERICANO

Plano geral: Harry no corredor do Largo Grimald nº12

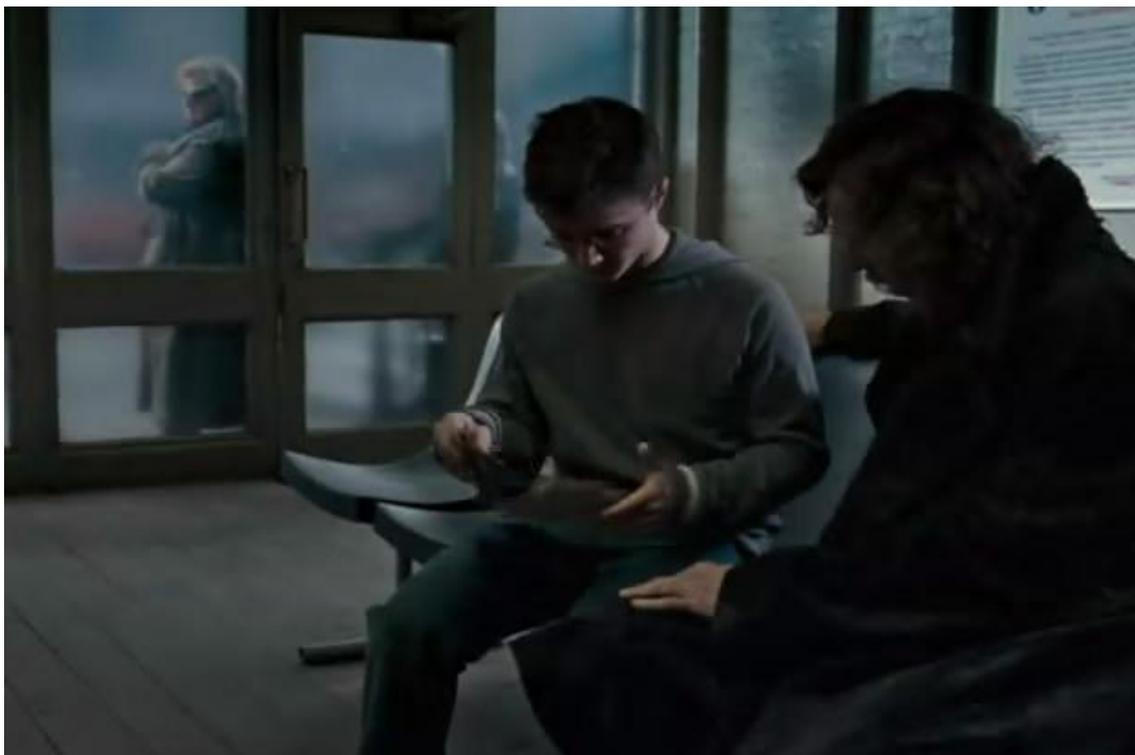
Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Som indireto de uma reunião da Ordem da Fênix.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Suspense

Harry encontra-se parado no corredor do Largo Grimald nº12. Ele demonstra felicidade por estar ali e rever seus amigos. Porém, no livro, ele está extremamente irritado por ter passado todo o verão sem notícias e demora um bom tempo para se adaptar às novidades.



00:26:17 – PLANO MÉDIO

Plano geral: Harry e Sirius Black em uma sala da estação King's Cross. Ao fundo, Olho-Tonto Moody está de guarda.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Um diálogo entre Harry e Sirius sobre a Ordem da Fênix

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Tranqüila.

A cena mostra Harry e seu padrinho Sirius Black em uma sala da estação King's Cross. No livro, essa cena não existe. Sirius de fato acompanha Harry até a estação, mas transformado em um cão de cor preta para que não seja descoberto já que é um fugitivo da justiça. Ao fundo, podemos ver Olho-Tonto Moody de guarda ao lado da porta, porém, Olho-Tonto jamais aceitaria que Sirius se arriscasse dessa maneira.

2.2.2 Terceiro ato:

Harry está de volta a Hogwarts, onde volta a enfrentar seus medos e desafios. Neste ato, conheceremos o grupo secreto formado por ele para preparar os alunos para lutas contra criaturas das trevas.



00:28:09 – PLANO CONJUNTO

Plano geral: Harry, Rony e Hermione desembarcando em Hogsmead.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Uma provocação de Draco Malfoy a Harry.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Tensa.

Vemos Harry, Rony e Hermione desembarcando na estação do Vilarejo Hogsmead, outra cena que também não existe no livro. Na história original, Rony e Hermione são nomeados monitores e, por isso, não poderiam estar com Harry durante o desembarque. Esse fato foi erroneamente cortado do filme, já que era uma maneira de mostrar que Harry terá de ser um pouco mais independente.

Os alunos também não deveriam estar usando roupas comuns e, sim, os trajes bruxos exigidos pela escola.



00:58:12 – PLANO FRONTAL

Plano geral: Neville no corredor da sala precisa.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Trilha sonora.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Tranquila.

Neville Longbottom acaba de descobrir a Sala Precisa. Contudo, originalmente não é ele quem a descobre e, sim, Dobby, o elfo doméstico. Nos livros, Neville é um personagem tão importante quanto Harry, já nos filmes ele aparece apenas para cobrir lacunas deixadas pelo corte de outros personagens.



01:48:10 – PLANO AMERICANO

Plano geral: Harry em um dos corredores da sala das profecias, no departamento de mistérios do Ministério da Magia.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: O teor da profecia.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Tensa.

Harry aparece na sala de mistérios do Ministério da Magia com uma profecia na mão. Nesta cena, Harry ouve todo o teor da profecia que dá a entender que ele terá que matar Voldemort ou vice-versa. No livro, Harry só descobre o que diz a profecia na sala de Dumbledore após a batalha que causa a morte de Sirius Black.



02:04:39 – PLANO LATERAL

Plano geral: Harry e Dumbledore no escritório do diretor após a morte de Sirius.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Um diálogo sobre os sentimentos de Harry, a razão da morte de Sirius e o teor da profecia.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Triste.

Harry aparece conversando com Dumbledore em seu escritório. Apesar de parecer triste, Harry está visivelmente calmo. Se olharmos o enredo do livro, veremos que ele, na verdade, deveria estar destruindo o escritório em um acesso de fúria, que serviu para mostrar sua indignação e amadurecimento. Esse acesso deveria se dar antes de Harry ver a profecia na penseira.



02:07:15 – PLANO CONJUNTO

Plano geral: Alunos embarcando na estação de Hogsmead.

Posição da câmera: Plano americano, close-up.

Sonoridade: Barulho do trem, conversas e trilha sonora.

Cenário: Fechado.

Estrutura narrativa: Descontraída.

Vemos alunos de Hogwarts andando em direção à estação de Hogsmead. Novamente, eles não usam vestes de bruxo. O figurino mais parece de uma escola colegial americana. Desde as mochilas até as roupas, nada lembra os internatos ingleses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o trabalho realizado, pudemos concluir que a adaptação da obra de J. K. Rowling não foi bem realizada, causando assim estranheza ao espectador que não é um leitor da série. Não há elo entre os filmes e há também perda de características tanto físicas, quanto mentais das personagens.

Contudo, o sucesso da série adaptada para o cinema advém da fidelidade dos leitores que procuram comparações entre livro e filme. Os não leitores são movidos pela curiosidade e pelo sucesso do filme, já que este tornou-se um modismo

Sendo assim, concluímos que a análise proposta é válida. Seguindo a linha de pesquisa eleita, concluímos que há sim perda de conteúdo da obra em estudo devido a suas adaptações cinematográficas. Há perda de conteúdo histórico e cultural. Uma vez que a obra fílmica precisa se adaptar aos conceitos comerciais exigidos, o que acarreta perda de conteúdo. Entretanto, considerando as relações que se estabelecem na contemporaneidade entre literatura e mídia, faz-se necessário destacar que muitas vezes um filme desperta o desejo no jovem em ler o livro. Também deve-se lembrar de que a democratização da cultura ocorre por meio do cinema. Há lugares em que um livro jamais consegue chegar, mas o cinema consegue. Pode-se notar esta realidade em projetos desenvolvidos com comunidades carentes e/ou isoladas.

Há caso em que um livro ignorado pelo mercado e pelos potenciais leitores é redescoberto graças a sua adaptação para o cinema. Sendo assim, se esta adaptação deixou a desejar na esquematização da trama, redução de personagens, inserção de merchandising e de clichês, nem todas se comportam da mesma forma. Aliás, a comparação, em si, só foi possível devido ao arcabouço teórico que estrutura este Trabalho de Conclusão de Curso. Inúmeros sujeitos, talvez, desconsiderem a possibilidade de um olhar comparativo para produções que atravessam diferentes campos culturais. Revela-se nesta reflexão a importância de uma formação sólida e crítica, sobretudo na área de estudos da Comunicação Social.

Referências

_____. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Vários Escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica. In: ADORNO, Theodor W. al. **Teoria da Cultura de Massa.** Comentários e seleção de Luiz Costa Lima. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.217-54.

BRITO, Juliana Batista; GARCIA, Mariana Pante; PEDROSO, Patrícia Ferraz. **A indústria cultural e a obra *As crônicas de Nárnia*:** análise crítica da adaptação para o cinema de “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”. Novembro, 2006, 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, apresentado como requisito parcial para aprovação do curso de Jornalismo (TCC). Fundação Educacional do Município de Assis (Fema)/ Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (Imesa), Assis, 2006.

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: **Formação da Literatura Brasileira** (momentos decisivos). São Paulo: Martins, 1971, 4. ed., p.21-39, 6. ed., p.221-235.

CITELLI, Adilson. “Outras linguagens na escola”. In: **A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura d’O Rei Leão.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COELHO, Teixeira. “Alienação e revelação na indústria cultural”. In: **O que é Indústria Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLOMER, T. **A formação do Leitor Literário.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2002.

COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema.** 2.ed. São Paulo: Globo, 1989.

DANELON, C. A. R. **A Produção Narrativa Infanto-Juvenil de Marcos Rey: Literatura ou Produto da Indústria Cultural?** Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA: Assis, 2007.

FERNANDES, Dirce Lorimier. **A literatura infantil.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** Trad. Carlos Rizzi, São Paulo: Summus, 1980.

- L. Cadermatori. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papirus, 1997.
- MARIE, Michel. "Cinema e Linguagem". In: AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. Trad. Marina Appenzeller. 5 ed. Campinas: Papirus, 1995.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. (trad. De Paulo Neves). São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003. 144p.
- PERROTTI, E. A Criança e a Produção Cultural. In: ZILBERMAN, R. (org.) **A Produção Cultural para a Criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- POTTERISCH. Disponível em: <<http://arquivo.potterish.com/>>. Acesso em: 1 dez. 2010.
- SMADJA, Isabelle. **Harry Potter**: as razões do sucesso. Trad. Ângela Ramalho Viana e Antônio Monteiro Guimarães. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- SMITH, Sean. **J. K. Rowling**: uma biografia por trás de Harry Potter. Trad. Carlos Irineu, Flávia da Rocha Pinto e Iva Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- TEIXEIRA, Coelho. **Alienação e Revelação na Indústria Cultural**. In: O que é Indústria Cultural. S.P. Brasiliense, 1989, p 27-69.
- VALENTE, Marta Catarina Louro de Castro. **O fenômeno Harry Potter: Literatura ou questão de mercado?** Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA: Assis, 2005.
- XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia (org.). **Literatura, cinema, televisão**. São Paulo: Editora Senac: Instituto Itaú Cultural, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: _____; MAGALHÃES,

